

MÁRCIO BENJAMIN

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT



A Cadeira Vazia

DARKSIDE — DRK



Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

*Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu*



Um conto de Natal de
MARCIO BENJAMIN

a cadeira vazia

— Você só pode estar ficando doida, minha mãe.

O prato, arrumado com cuidado na ponta da mesa, era quase uma provocação. Alvo, brilhoso, o único que permanecia vazio, assim como a cadeira à sua frente, que também esperava para ser preenchida.

Encostada na parede carente de tinta, a velha raspava a vista por dentro do breu marinho, que se esparramava em frente à sua casa desde quando pisou os seus primeiros passos.

— Cosme, chegue aqui. Fale com ela que eu merma tenho paciência mais não, tenho nada — falou Dione, sacudindo a cabeça em uma honesta derrota.

O mais velho apertou os olhos cansados, tomou um profundo gole do espumante barato e assumiu o posto.

Com cuidado, aproximou-se de dona Tereza, anuviando a voz como se falasse com uma de suas meninas.

— Vá se deitar, mulher. Tá ficando tarde. A senhora quer mais uma tacinha? A procissão dos barcos ainda tarda um pouco. Se quiser, acorde a senhora quando for começar.

A mulher sorriu como se estivesse sozinha, sentindo de leve a brisa lhe balançar os cabelos finos e brancos.

— Carece não, Cosme. Me deixe aqui. Vou esperar ele chegar.

Os irmãos trocaram olhares.

O vento invadiu a casa de repente e Dione esfregou com firmeza os braços, arrepiados como pele de galinha.

— Vou pegar um casaco pra senhora, tá serenando.

A mãe tinha piorado fazia tempo. Ainda que nunca tenha prestado para muita coisa, a morte do marido acabou por tirar o pouco de juízo que lhe restava na cabeça. Pelo caminho errado que fosse, a vida lhe seguia em seu pálido lugar comum, mesmo que de uma forma torta, acalentadora. Limpava a casa, lavava a roupa, cuidava das próprias feridas. Sabia o seu lugar no meio do mar, da areia, do tempo.

O casal de filhos estudou, tomou seu rumo. Saíram de Prainha para voltar de tempo em nunca, guardando apenas o Natal; nem tanto pelo Menino Jesus, mas como respingos do que restou daquela sua gente.

Dona Tereza se conformava. Sabia dentro de si que filho é cria de mundo. E de qualquer jeito ainda tinha a raspa do tacho. O mais novo, chegado sem aviso, em um atropelo. Parido dentro d'água, criado em cima do barco, era metido com peixe e rede. Herdou o barco velho do pai e desde sempre decidiu ser pescador. Ainda que chegado a uma caçaça, cuidava da mãe como podia e lhe fazia a companhia que dava.

Mas filho não morre antes de mãe, morre? Não era assim?

— Pode deixar, minha filha. Vão se deitar — falou, em um suspiro.
— Guardo tudo depois. Eu vou esperar o seu irmão.

Não era?

Chegou no dia uma ruma de gente demais. Era um comício? Rifa da igreja? Tanta zuada que dona Tereza areou-se sem saber o que fazer. Viu de cima aquela multidão chegando. De dentro do mar, do barco, arrastando para perto da casa um saco preto que fincava sua importância por cima da areia fofa, como um arado ao contrário. Tão grande, meu Deus.

Pesado; tão pesado que dois quase não conseguiram arrastar, acredita? Os homens foram se agoniando e Tomé deu um puxavante com a força que tinha. O plástico velho se rasgou e despejou o de dentro por cima do solo molhado. Uma perna, o resto de um braço.

Tereza ali se perdeu. A voz calou-se na garganta. O mundo de fora também silenciou em um castigo reverente.

O que aconteceu dali para a frente lhe vinha como um resto de pesadelo daqueles que doem a cabeça e amargam a língua: o enterro do filho, as notícias murmuradas; a morte crua, de ida sem vinda. A comida insossa. A vida apagada como a do caçula.

Até que o último mês do ano chegou, trazendo uma certeza impen-sável a lhe preencher o coração seco.

Arrumou com carinho o lugar na mesa. O prato. A cadeira.

Feliz, como se ela mesma esperasse o seu presente de Natal, aguardou.

Foi desperta dos pensamentos pela mão de Cosme acariciando-lhe os fios presos de qualquer jeito.

O filho mais velho ainda quis ficar mais um pouco. Quis levar a mãe nos braços para dentro de casa e deitá-la na rede. Não conseguiu. Deu um cheiro nas mãos enrugadas fedendo a cebola, pediu a benção de qualquer jeito e foi se deitar. Amanhã a velhinha iria morar com ele. Era o jeito.

Dona Tereza, finalmente sozinha como quis, mal continha o aperreio. Sentou-se ereta como em banco de igreja e adivinhou no meio da escuridão uns passos tortos.

Era meia-noite?

Ao longe, o brilho dos barcos cintilava por dentro d'água.

Apertou a vista e conseguiu distinguir o seu menino, cruzando a areia, que reluzia um brilho acanhado.

Cuide, mulher!

Sem saber se era o vento que lhe chamava, Tereza correu como se não fosse velha, como se pudesse voltar para bem antes, e quase sentiu os dedos do filho pequeno segurando-lhe a barra da saia enquanto esfregava a roupa podre de peixe do marido.

Não quis saber se o que lhe chamava já não parecia o seu menino. Não teve nem tempo nem vontade de olhar para trás e seguiu o seu passado pra dentro do mar faminto, enquanto as luzes da procissão dos barcos se aproximavam cada vez mais fortes.

MÁRCIO BENJAMIN COSTA RIBEIRO é escritor natalense, especializado em Escrita e Criação pela UNIFOR (CE), autor de romances e livros de contos de horror rural e folclóricos, e roteirista de séries e longas-metragens. Ganhador dos Prêmios Moacyr Cirne de Ficção de 2019 e do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica Narrativa Curta de Horror 2020, Benjamin publicou *Sina* em 2022, seu primeiro romance pela DarkSide® Books.

Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

mixtape completa



DARKSIDEBOOKS.COM